

A trajetória dos arquivos de Curt Nimuendajú na Universidade da Califórnia, Berkeley

The trajectory of Curt Nimuendajú's archives at the University of California, Berkeley

João Martinho Braga Mendonça 

Universidade Federal da Paraíba. Rio Tinto, Paraíba, Brasil

Resumo: O antropólogo brasileiro Curt Nimuendajú (1883-1945) estabeleceu uma colaboração à distância com o Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, entre os anos de 1935 e 1945. Este artigo tem por objetivo esclarecer como os materiais remetidos por Nimuendajú para Berkeley foram mantidos, ao longo de décadas, antes de serem digitalmente catalogados no setor de arquivos universitários em 2019. Trata-se, assim, de refletir sobre o potencial dos arquivos antropológicos como campo de pesquisa etnográfica. Com base em pesquisas documentais realizadas na Biblioteca Bancroft e nos sítios eletrônicos da Universidade da Califórnia, procura-se demonstrar como a singularidade da parceria estabelecida por Nimuendajú com Robert Lowie (1883-1957), seu correspondente, coautor, tradutor e editor nos Estados Unidos, marcou a trajetória dos materiais remetidos à Califórnia na primeira metade do século XX. Conclui-se que os documentos de Curt Nimuendajú arquivados em Berkeley e sua trajetória refletem a condição ambígua de seu criador, no âmbito de relações e hierarquias acadêmicas transnacionais. Sua disponibilização para consulta pública, a partir de 2019, além disso, permite abrir novo ciclo de debates no que diz respeito aos diferentes povos indígenas representados pelos seus arquivos.

Palavras-chave: Curt Nimuendajú. Robert Lowie. Arquivos antropológicos. Berkeley. História da Antropologia.

Abstract: The Brazilian anthropologist Curt Nimuendajú (1883-1945) established a long-distance collaboration with the anthropology department at the University of California, Berkeley, between 1935 and 1945. This article aims to clarify how the materials sent by Nimuendajú to Berkeley were maintained over decades, before being cataloged in the university archives in 2019. Therefore, it explores the potential of anthropological archives as a field of ethnographic research. Based on documentary research carried out at the Bancroft Library and on the University of California's websites, we seek to demonstrate how the unique partnership established by Nimuendajú with Robert Lowie (1883-1957), his correspondent, co-author, translator and editor in the United States, marked the trajectory of materials sent to California in the first half of the 20th century. It is concluded that Curt Nimuendajú's anthropological documents archived at Berkeley and his trajectory reflect the ambiguous condition of their creator within the scope of transnational academic relationships and hierarchies. The availability of these documents for public consultation since 2019 also opens a new cycle of debates regarding the diverse indigenous people represented by its archives.

Keywords: Curt Nimuendajú. Robert Lowie. Anthropological archives. Berkeley. History of Anthropology.

Mendonça, J. M. B. (2025). A trajetória dos arquivos de Curt Nimuendajú na Universidade da Califórnia, Berkeley. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(2), e20240023. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2024-0023.

Autor para correspondência: João Martinho Braga Mendonça. Universidade Federal da Paraíba. Campus IV. Rio Tinto, PB, Brasil. CEP 58297-000 (bragamw@yahoo.com.br, bragamxis@gmail.com).

Recebido em 25/03/2024

Aprovado em 27/02/2025

Responsabilidade editorial: Lúcia Hussak van Velthem



INTRODUÇÃO

Um recente artigo de Schröder chama a atenção para as três “redes transnacionais” que caracterizaram a vida e a obra de Curt Nimuendajú (1883-1945)¹ entre a Europa e a América (Schröder, 2022). O autor aponta ao menos duas “tradições nacionais” de antropologia – alemã e brasileira – nas quais a obra de Nimuendajú é, desde as últimas décadas, revisitada e reivindicada (Schröder, 2022, p. 216); refere ainda as “redes transnacionais” e o papel ativo de pesquisadores latino-americanos na “construção de saberes científicos no cenário global” (Schröder, 2022, p. 221). Nesse sentido, o trabalho de Nimuendajú seria relevante na conformação dos debates que se desenvolveram entre a Europa e os Estados Unidos, vistos sob o ângulo da ‘história transnacional das ciências’. O mesmo autor analisou anteriormente as relações de Nimuendajú com museus etnológicos alemães, quando abordou as diversas coleções formadas por Nimuendajú, atualmente localizadas em instituições museais alemãs de cinco cidades diferentes: Berlim, Dresden, Hamburgo, Leipzig e Munique (Schröder, 2011, 2019, p. 2).

Encontra-se, pois, dividido e sob a guarda de diferentes instituições, sejam elas na Alemanha, no Brasil ou nos EUA, senão em outros países, o conjunto tanto de coleções de artefatos, quanto de documentos, anotações etnográficas e fotografias de Nimuendajú². O foco das considerações que seguem, todavia, está voltado principalmente para arquivos documentais e etnográficos de Nimuendajú localizados nos Estados Unidos, especificamente em Berkeley. Partes substanciais dos arquivos de Nimuendajú no Rio de Janeiro, destruídos

no incêndio de 2018 no Museu Nacional, estão digitalizadas (CELIN-MN, 2010) ou eventualmente fotocopiadas, na medida em que foram usadas em diversas pesquisas nas últimas décadas, a exemplo de Welper (2002), Petschellies (2019), Tambascia (2020), entre outras. Paralelamente ao montante de consultas e pesquisas realizadas no Museu Nacional, como no Museu Goeldi e em outras instituições, inclusive alemãs, quantos e quais estudos teriam sido feitos com base nos arquivos de Nimuendajú, localizados na Universidade da Califórnia (UCB), Berkeley?

Pesquisas de Faulhaber (2012, 2013, 2016, 2023) indicam o acesso aos materiais originais de Nimuendajú em Berkeley³. Entretanto, somente em 2019 estes materiais passaram a figurar nos catálogos digitais dos Arquivos da Universidade da Califórnia⁴. Haja vista sua importância para a história da antropologia⁵, tanto quanto para a história dos povos indígenas no Brasil, um novo ciclo de debates poderá ter lugar com a digitalização e a publicização destes documentos⁶. Propõe-se aqui recuperar as linhas gerais da trajetória destes arquivos, de modo a contribuir para seu conhecimento e levantar questões para pesquisas futuras. Ao longo dessa trajetória, uma série de questões complexas é evocada, desde a ética do trabalho universitário inter-pares às relações internacionais na produção de conhecimentos, bem como em relação ao direito à memória dos povos indígenas em face dos arquivos antropológicos.

NIMUENDAJÚ E LOWIE

Os materiais de Curt Nimuendajú reunidos em Berkeley evocam dez anos (1935-1945) de parceria entre ele e

¹ Antropólogo brasileiro de origem alemã, que desenvolveu estudos etnográficos entre diversos povos indígenas no Brasil entre 1905 e 1945.

² Sobre trabalhos fotográficos de Curt Nimuendajú, mais especificamente, ver Athias (2014) e Mendonça (2009).

³ Embora Dungs (1991) seja referido como “. . . um tipo de guia às fontes. . .” documentais referentes a Nimuendajú (Schröder, 2022, p. 218), ainda não pude verificar se, e em que medida, ele acessou os arquivos mantidos em Berkeley.

⁴ O setor de Arquivos da Universidade está sob custódia da Biblioteca Bancroft, na UCB. Será usada a grafia maiúscula somente quando se tratar especificamente deste setor.

⁵ Além da perspectiva de uma “história transnacional das ciências” (Schröder, 2022), ver Oliveira (2006) para uma abordagem do cenário antropológico no Brasil e das relações com os EUA em meados do século XX.

⁶ Debates da(s) história(s) no plural, que tendem para os horizontes das “Antropologias do mundo” (Matos et al., 2022).



Robert Lowie (1883-1957), professor de Antropologia da Universidade da Califórnia entre 1921 e 1950. Sabe-se do interesse teórico de Lowie acerca dos grupos Gê estudados por Nimuendajú e de muitas especificidades de cada período de pesquisas no campo, bem como das correspondentes documentações geradas em função do vínculo entre eles (Faulhaber, 2013; Welper, 2018, 2020; Tambascia, 2015), ao longo de uma década de trabalhos compartilhados. Uma série de correspondências de Nimuendajú já publicadas⁷, com base em arquivos de instituições brasileiras, leva a supor que as cartas enviadas à Universidade da Califórnia, uma vez publicadas, amplificariam ainda mais o acesso a esse tipo de fontes.

Pensava-se, inclusive, até pouco tempo atrás, que as cartas de Nimuendajú remetidas a Berkeley estivessem incorporadas aos materiais arquivados de Robert Lowie (Welper, 2020, p. 678)⁸ ou mesmo do Departamento de Antropologia⁹. Por que a correspondência com Nimuendajú não foi incluída nos arquivos de Lowie, onde estão reunidas nada menos do que 15 caixas (Bancroft Library, 1997, p. 4) contendo correspondência ativa e passiva do autor? Em sua autobiografia, o próprio Lowie publicou uma amostra de sua correspondência com Nimuendajú (R. Lowie, 1959, pp. 121-125), o que deixa claro que o mesmo não só mantinha cópias das cartas que enviava, mas também guardava consigo as cartas recebidas do Brasil, as quais, entretanto, tampouco foram incorporadas aos arquivos do Departamento de Antropologia.

Assim, embora os arquivos de Nimuendajú, desde 2019, tenham sido catalogados junto aos Arquivos da Universidade da Califórnia, eles permaneceram por

muito tempo sob circulação restrita. Aparentemente pouco se sabe, no Brasil, sobre a íntegra dos materiais conservados de Nimuendajú, recebidos por Lowie¹⁰ a partir de meados dos anos 1930. Além, é claro, do fato de que havia documentações referentes aos trabalhos realizados para a Universidade da Califórnia em alguns arquivos institucionais brasileiros; sejam, por exemplo, no “Dossiê Curt Nimuendajú”, do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB) (Grupioni, 1998), sejam nos documentos, nas fotografias e nas cópias das cartas enviadas a Lowie, bem como dele recebidas, sob a guarda do Museu Nacional¹¹, ou também nos seus materiais conservados no Museu Goeldi.

Cabe perguntar, então, que circunstâncias condicionaram as trajetórias e as restrições, sob as quais tais materiais arquivados nos Estados Unidos estiveram por tanto tempo submetidas?¹²

ARQUIVOS ANTROPOLÓGICOS E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Cunha (2005, p. 9) observa que “representações autorizadas sobre o passado e o presente e seus significados para diferentes atores estão particularmente visíveis e sinalizadas nos arquivos”. Para Zeitlyn (2012, p. 462), arquivos antropológicos podem ser vistos como “expressão do controle governamental sobre os sujeitos” e “instrumentos da hegemonia do estado”. No caso da Universidade da Califórnia, o Museu Antropológico e o Departamento de Antropologia foram criados no mesmo ano de 1901, a partir de quando Alfred Kroeber (1876-1960) passou a ministrar os primeiros cursos lá oferecidos.

⁷ Com Carlos Estevão Oliveira (Hartmann, 2000), Herbert Baldus (Welper, 2019) e Robert Lowie (Welper, 2018, 2020).

⁸ “. . . The original copies of his letters to Lowie are probably kept in the collection of the Robert Harry Lowie Papers, 1872–1968, at the Bancroft Library of the University of California–Berkeley” (Welper, 2020, p. 678).

⁹ Isso em decorrência de Nimuendajú ter recebido auxílios financeiros pelo Instituto de Ciências Sociais (ISS) por vários anos (Faulhaber, 2013), ficando a documentação do Instituto abrigada nos arquivos do Departamento de Antropologia.

¹⁰ Uma lista de cartas é referida no trabalho de Faulhaber (2013, p. 244), assunto que será retomado mais adiante.

¹¹ Cartas que foram objeto de diversas pesquisas (ver recentemente os artigos de Welper, 2016, 2018, 2020).

¹² Questão similar pode ser levantada em relação ao Museu Nacional. Nesse sentido, uma lista dupla, para comparar o que está em Berkeley com o material destruído no Museu Nacional, com base na dissertação de Welper (2002) e nos registros do Centro de Documentação de Línguas Indígenas do Museu Nacional (CELIN-MN), permitirá dimensionar as diferenças entre as duas coleções, assunto para outro trabalho.

O surgimento destas instituições acompanhava a conquista do oeste pelos Estados Unidos, que haviam vencido o México e anexado os territórios da Califórnia, do Texas e do Novo México a partir de 1848 (Mendonça, 2022, p. 21).

Essas dimensões adquirem crescente relevância e desafiam o debate ético à medida que estimulam novas pesquisas acerca da história da disciplina, inclusive com participação de povos representados em arquivos. Parezo (1999) apresenta diversas reflexões associadas à criação do Conselho para a Preservação de Arquivos Antropológicos (CoPAR), em 1992¹³, nos Estados Unidos. A existência de tal entidade por si só já evoca a quantidade expressiva de materiais etnográficos acumulados ao longo dos séculos XIX e XX. Tal conselho congrega, além de gente da área de antropologia, outras pessoas vindas dos campos da arquivologia, história e biblioteconomia. A especificidade dos arquivos antropológicos é destacada pela autora nos seguintes termos:

. . . Most anthropologists have worked in communities that have not historically utilized written documents. Thus, the information gained through systematic undertakings is recorded in documents that have value to the fieldworker and to the peoples from whom the information was obtained. These documents of changing ways of life and cultural continuity must be preserved, for they exist in no other written form, cannot be replicated, and are therefore unique. Unfortunately, caring for records and organizing them are time-consuming activities even though they are necessary for the health of the discipline and for the preservation of humanity's cultural heritage. . . (Parezo, 1999, p. 274).

Na visão de Parezo (1999, p. 276), a "ignorância e a negligência" de praticantes da própria disciplina em relação à importância e à especificidade de procedimentos arquivísticos, ou mesmo quanto à natureza dos dados de campo e à importância de sua preservação, teriam levado à perda de inumeráveis "documentos antropológicos insubstituíveis", ao passo que esse tipo de documento,

quando mantido preservado, permanece muitas vezes inacessível aos seus potenciais usuários, os quais nem sempre sabem onde estão localizados ou não têm qualquer tipo de ferramenta de busca ou guia descritor que permita, à distância, saber mais sobre o conteúdo detalhado dos materiais arquivados¹⁴.

A questão sobre preservação ganha novos contornos com o advento das tecnologias digitais; para Zeitlyn (2022, p. 3), a possibilidade de manter "muitas cópias" tenderia a salvaguardar por longo tempo seus respectivos conteúdos. Neste sentido, as tecnologias digitais ampliam e diversificam o trabalho que foi inicialmente realizado através de tecnologias analógicas, como o microfilme: ". . . Against those growing up after the invention of the Internet etc., I have to insist that this is not a new issue, but rather an extremely old problem in a new and somewhat different form" (Zeitlyn, 2022, p. 3).

Para Jacknis (2002, p. 217), a tecnologia digital ". . . is a form of publication that moves archives away from the model of museums (unique items) and more to that of libraries (multiple copies)". Assim, as aparentes facilidades da cópia digital talvez apenas amplifiquem ainda mais as dificuldades e preocupações éticas e políticas envolvidas tanto na seleção daquilo que será preservado, quanto nas modalidades de arquivamento e de acesso público aos materiais antropológicos. Como pensar, então, o destino dos arquivos de Nimuendajú em Berkeley, desde a primeira metade do século XX até os dias atuais, quando cópias digitais ampliam as condições de acesso a eles? Como equacionar as dimensões éticas e políticas?

FORMAÇÃO DE COLEÇÕES NA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA

Uma breve abordagem da história dos arquivos antropológicos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, ajudará na compreensão do lugar no qual os

¹³ Atualmente, o CoPAR está associado à Universidade de Maryland, em Washington (EUA) (CoPAR, s. d.).

¹⁴ ". . . potential users do not know where the papers are housed or there is no finding aid for users to consult. . ." (Parezo, 1999, p. 276).



arquivos de Nimuendajú estão atualmente abrigados. Trata-se, pois, de perceber minimamente como a pesquisa e a docência em Berkeley estão articuladas à formação de arquivos e coleções no âmbito do Departamento de Antropologia e em que medida Nimuendajú pode ser situado neste contexto.

Lowie doutorou-se sob a orientação de Franz Boas (1858-1942) em 1908 e, cerca de dez anos depois, iniciou sua transição do leste ao oeste, ou seja, de Nova York para Berkeley, onde passou a dividir com Kroeber a gestão departamental ao longo das décadas seguintes (Bancroft Library, 1997a, p. 3). Nos seus últimos anos de vida, para dar conta dos arquivos documentais acumulados com os trabalhos antropológicos realizados até então, Kroeber se empenharia pessoalmente na organização de um método, inspirado nos modelos adotados pelos arquivos do Bureau Americano de Etnologia (BAE), fundado em 1879¹⁵.

Esse conhecimento sobre a formação de coleções e arquivos em Berkeley encontra-se sistematizado num texto de Ira Jacknis (1952-2021) (Jacknis, 2002). Ele nota que Berkeley mantém uma das “mais antigas e extensas coleções de manuscritos antropológicos do país”¹⁶ (Jacknis, 2002, pp. 211-214). Além de documentos escritos, entre notas de campo, cartas, projetos, contratos etc., existem ainda alguns itens pictóricos criados (fotografias, mapas e desenhos, por exemplo) ou coletados (objetos como cestas e peças de vestuário, por exemplo), para ficar somente naquilo que foi reunido com base em pesquisas realizadas a partir de 1901. Jacknis (2002) explica que não existe um único Arquivo Antropológico, mas sim materiais

documentais diversos, atualmente alocados na Biblioteca Bancroft¹⁷, organizados em diferentes coleções.

Outros documentos e materiais ficam divididos entre as dependências do Museu Antropológico¹⁸ e as do Departamento de Antropologia, neste último caso, principalmente os documentos relativos às pesquisas em andamento de professores em atividade.

... by 1951, at least, most of the ethnological documents seem to have been stored in the seminar room of the university library, a room kept locked when not in use. Shortly after the museum moved to its new home in Kroeber Hall in late 1959, all of the anthropological archives were likewise transferred to the anthropology library, in the same building (arriving in 1961). While the personal collections of scholars have generally remained under their control during their lifetime, many of them were actually stored in departmental quarters (Jacknis, 2002, p. 214).

Em meados do século, as realocações de materiais arquivados entre a biblioteca principal, o novo prédio do Museu¹⁹ e a então recente biblioteca setorial formaram a base de coleções posteriormente transferidas à Biblioteca Bancroft. Tal como esclarece Jacknis (2002), Kroeber realizara um trabalho intenso de revisão e anotação das coleções, especialmente entre 1957-1958. Esse inventário iniciado por Kroeber, então, seria, em 1966, ampliado e complementado por um estudante interessado em usar parte do material em sua dissertação (Kroeber & Valory, 1967 citados em Jacknis, 2002, p. 214). Por isso, Jacknis (2002, p. 214) nota que os anos 1960 seriam o período definitivo para que os documentos etnológicos até então arquivados constituíssem uma coleção efetivamente organizada.

¹⁵ Hoje denominados Arquivos Antropológicos Nacionais, estão sob custódia da Smithsonian Institution (Jacknis, 2002, p. 211).

¹⁶ As traduções ao longo do artigo são de minha autoria, salvo indicações em contrário. Este trecho originalmente diz: “. . . collections of anthropological manuscripts. . .”.

¹⁷ O prédio da Biblioteca Bancroft fica localizado num outro setor, a cerca de cinco minutos a pé do Museu Phoebe Hearst.

¹⁸ Uma vez que o Museu foi inaugurado em 1901, com base em coleções formadas no século anterior, doadas por Phoebe Hearst principalmente, ele já contava com um acervo considerável quando passou a receber materiais gerados a partir do Departamento de Antropologia.

¹⁹ Após transferência de São Francisco para Berkeley, em 1931, num antigo prédio de engenharia civil (Jacknis, 2002, p. 214), somente em 1959 ele passou a ter seu próprio prédio, ao lado do Departamento de Antropologia (construção que até 2021 era denominada ‘Kroeber Hall’, com salas de aula e biblioteca inclusas).

O estudante suprarreferido, Dale Valory, foi portanto o responsável por finalizar um guia descritor, datado de 1971, o qual foi transferido juntamente com toda a coleção, "Ethnological documents of the Department and Museum of Anthropology (1875-1958)"²⁰, para a custódia da Biblioteca Bancroft. Nesta, por sua vez, um setor específico passou a receber esse tipo de documentação desde 1962: os Arquivos da Universidade²¹. Esta coleção abrangente, que representa parte da história da antropologia na Califórnia, não é a única a reunir arquivos antropológicos em Berkeley. Tal como já foi notado, não existe propriamente um arquivo antropológico, mas sim diferentes coleções, alocadas em diferentes setores.

Outra coleção, sob o título "Registros do Departamento de Antropologia (1901- em andamento)"²², reúne correspondências e documentos datados a partir da criação do próprio departamento, em 1901, e também está localizada atualmente na Biblioteca Bancroft. Além disso, tal como já indicado, os arquivos pessoais de professores, mantidos geralmente em suas salas ou noutros ambientes do departamento, formam a base para outras coleções específicas. Seu destino final, com o passar do tempo, assim como o de documentos mantidos pelo departamento, será a realocação para o setor de Arquivos da Universidade, na Biblioteca Bancroft, tal como ocorreu com os arquivos de Kroeber, Lowie e outros docentes.

Essa distribuição em coleções e as progressivas realocações internas dos diversos materiais arquivados, portanto, contribuem para o entendimento da trajetória dos arquivos de Nimuendajú em Berkeley. Sabe-se que as transferências dos arquivos departamentais e museais,

bem como dos arquivos pessoais de Lowie, para o setor de Arquivos na Biblioteca Bancroft, só ocorreram a partir dos anos 1960. Se, tal como já foi notado, os materiais de Nimuendajú (referentes ao período 1935-1945) não fazem parte destas coleções, então realocadas para a Biblioteca Bancroft a partir de 1960, eles evidentemente permaneceram no departamento. Após o falecimento de Lowie, eles ficaram sob a guarda de outro docente, colega de Lowie, John Rowe (1918-2004) (Faulhaber, 2013).

Resta, portanto, esclarecer quais seriam as circunstâncias que motivaram Lowie, ainda em vida, a transferir a guarda destes arquivos para Rowe? Isso implica, complementarmente, entender minimamente o lugar ocupado por Nimuendajú, no âmbito das dinâmicas de pesquisa e docência universitárias, no Departamento de Antropologia em Berkeley. Se, como notou Laraia (1988, p. 2), Lowie se tornou uma espécie de "orientador acadêmico" de Nimuendajú, este ocuparia então um lugar similar ao dos estudantes de doutoramento? Faulhaber (2013, p. 225), por sua vez, indica documentos do Instituto de Ciências Sociais da UCB que referem Nimuendajú como "assistente de pesquisa" de Lowie.

Ao considerar que Lowie e Nimuendajú nunca se conheceram pessoalmente, seu lugar no departamento parece ficar, de todo modo, marcado por uma ausência. Situação inusual tanto quanto singular, ainda mais tendo em vista que ambos nasceram no mesmo ano e migraram de uma mesma região da Europa para as Américas do Norte e Sul, respectivamente em 1893 e 1903²³. Sobre a parceria entre eles, Lowie chega a considerar Nimuendajú como seu "alter ego" (R. Lowie, 1959, p. 120).

²⁰ Esta coleção [BANC FILM 2216] foi também microfilmada, contendo 93 caixas e outros itens (Bancroft Library, 1997b).

²¹ Nas palavras do arquivista James Kantor (citado em Jacknis, 2002, p. 214): "The University Archives, which goes back to the beginning of the university in 1875 [the university itself was founded in 1868], was a department of the university library until it was transferred to The Bancroft Library in 1962; it did collect faculty papers. . .". Ele explica também que, uma vez para lá transferidas, estas coleções passaram a fazer parte da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Bancroft.

²² Esta coleção (CU-23) contém 211 caixas (Bancroft Library, 1996).

²³ Lowie nasceu em Viena (Áustria) e migrou com a família para Nova York. Nimuendajú nasceu em Jena (Alemanha) e migrou sozinho para São Paulo. A língua alemã foi utilizada na correspondência entre eles na maioria das vezes.

Em que medida, pois, essa espécie de singularidade das relações entre Nimuendajú e Lowie no âmbito departamental seria também marcante para a trajetória de seus documentos arquivados em Berkeley? Como, portanto, classificar os trabalhos de Nimuendajú em face das dinâmicas de arquivamento vigentes na Universidade da Califórnia? Em que medida suas fotografias e anotações de campo, produzidas ao longo de diferentes pesquisas etnográficas no Brasil, assumem importância nas documentações mantidas pelo Departamento de Antropologia da UCB?

. . . In fact, essentially for reasons of control, the fieldnotes of faculty tended to come in as personal papers after the individual's death, whereas student records were more often incorporated into the department collection of ethnological manuscripts soon after they were written. The working assumption seems to have been that students had to deposit their records at the university when their research was funded by or through the university, as it so often was. . . (Jacknis, 2002, p. 214).

Os arquivos pessoais de Lowie incluem, efetivamente, suas anotações de campo (*fieldnotes*) organizadas em séries e por assunto, juntamente com diversos outros tipos de escritos, inclusive sua correspondência ativa e passiva. Ao considerar o período da parceria entre Lowie e Nimuendajú (1935-1945) e os materiais remetidos do Brasil para Lowie, uma primeira possibilidade, de acordo com o princípio acima mencionado, seria classificar os materiais de Nimuendajú na categoria de estudante (PhD) junto aos arquivos departamentais. Por outro lado, a notoriedade de suas contribuições à etnologia da América do Sul, expressa em trabalhos publicados desde os anos 1910 e notadamente nas suas monografias publicadas nos EUA, poderia ser levada em conta para classificar suas documentações arquivadas ao lado de outras coleções docentes (como arquivos pessoais, o que daria aos seus arquivos um lugar individualizado ao lado de Lowie, Kroeber e outros)?

As considerações teóricas de Faulhaber (2016) acerca da noção de “objetos limítrofes”, aplicada à Amazônia pesquisada por Nimuendajú, parecem suscitar aqui uma linha de interpretação possível, através da qual as condições de seus trabalhos antropológicos levam a desacomodar as categorias e pressuposições estabelecidas ao longo da história da disciplina e dos arquivos. Nesse sentido, seu legado é desafiador, parafraseando Laraia (1988, p. 8)²⁴; o fato é que, para Curt Nimuendajú, uma só categoria seria pouco. Seus arquivos, nessa linha de raciocínio, assumem um *status* diferenciado, que transita nos limites das categorias mais usuais.

Nas palavras de outra pesquisadora da obra de Nimuendajú, os trabalhos realizados com Lowie representaram uma “. . . unique partnership in the history of Brazilian anthropology” (Welper, 2020, p. 673). A história da antropologia estadunidense, por sua vez, possivelmente não tem muitos registros comparáveis ao que Lowie e Nimuendajú realizaram juntos, o que tende a reforçar a singularidade destes arquivos de Nimuendajú. Zeitlyn (2012, p. 475) entende que “. . . não existem respostas simples (nem deveríamos procurar alguma) para a questão de arquivar ou não e, em caso afirmativo, como. . .”.

Kroeber, que foi o primeiro a conduzir inventários arquivísticos do Departamento de Antropologia em Berkeley, se preocupava com o processamento dos materiais, por exemplo. Ao tentar garantir que não houvesse erros nas transcrições de palavras nativas, recomendava, para esse tipo de tarefa, pessoas familiarizadas com o tema ou povo em questão (Jacknis, 2002, p. 214). Esse exemplo é somente um aspecto da complexa questão sobre como arquivar e acessar materiais antropológicos que refletem experiências etnográficas vivenciadas entre povos indígenas.

²⁴ O autor sintetiza as diversas versões sobre a morte de Nimuendajú, considerando que ele “. . . constitui-se em uma das poucas entidades mitológicas da etnologia brasileira. . .”. Assim conclui: “O fato é que para Curt Nimuendajú uma só morte seria pouca...” (Laraia, 1988, p. 2 e 8).

TRAJETÓRIAS DOS MATERIAIS DE NIMUENDAJÚ EM BERKELEY

Espera-se, doravante, acompanhar as trajetórias dos arquivos de Nimuendajú em Berkeley e indicar pistas para futuras pesquisas e reflexões. Trata-se tão somente de contribuir para esclarecer as questões esboçadas até aqui, em suma: como, pois, os materiais enviados por Nimuendajú a Berkeley foram recebidos, preservados e organizados ao longo do tempo? Em quais lugares e por quanto tempo teriam sido armazenados? Por onde e com quem teriam circulado, antes e depois de servirem às diferentes publicações, sejam do próprio Lowie, de Nimuendajú ou de ambos, bem como às pesquisas e publicações de terceiros? Por fim, talvez a questão mais premente, para cuja resposta espera-se ao menos apontar um horizonte: como e para quem poderão servir atualmente e no futuro?

Se o envio do manuscrito sobre “A corrida de toras dos Timbira”²⁵ para Lowie, em 1935 (Welper, 2018, p. 11), inaugura a parceria, será a monografia sobre os Magüta²⁶ (Tükuna), enviada em 1943, que encerrará este ciclo de conhecimentos etnográficos compartilhados internacionalmente. Welper nota que “. . . the correspondence between the two only ended with Nimuendajú’s death, but in the final four years they were mostly limited to communications about the manuscripts and publications that were already in press. . .” (Welper, 2020, p. 676)²⁷. As remessas postais de Nimuendajú para Lowie se encerram definitivamente, portanto, no ano de

1945, ao longo dos meses que antecedem sua morte, ocorrida em 10 de dezembro.

Em geral, ao tomar os dez anos de trocas entre eles, pode-se dizer que Lowie recebeu as cartas originais escritas por Nimuendajú, tanto quanto suas anotações de trabalho de campo ou textos já elaborados para publicação, além de fotografias²⁸. Ao longo dos primeiros anos de parceria, a dinâmica básica de trabalho se estabeleceu, a qual levou a diversas publicações, ora assinadas por ambos (Nimuendajú & Lowie, 1937, 1939), ora apenas por Nimuendajú (1937, 1938, 1939, 1942, 1944, 1946a, 1946b, 1952a, 1974) ou por R. Lowie (1941, 1946a, 1946b, 1948, 1949a, 1949b). Em função da familiaridade de ambos com a língua alemã, a maior parte dos textos de Nimuendajú eram escritos em alemão e traduzidos para o inglês por Lowie²⁹, o qual também se encarregava das proposituras e encaminhamentos relativos às publicações, além de utilizar as informações recebidas, então de primeira mão, para estudos cotejados com outras fontes, de maneira a sistematizar e elaborar seus próprios textos.

WILLIAM HOHENTHAL E A TRADUÇÃO DE “THE TÜKUNA”

No caso do período da pesquisa etnográfica com os Magüta (Tükuna), entre 1941 e 1942, houve mudanças significativas na dinâmica comunicacional, pois, devido à Guerra Mundial em curso, toda a correspondência entre eles passou a evitar o uso do alemão. Lowie mencionou efetivamente a interceptação de uma carta sua, escrita em alemão, pelo

²⁵ Welper (2018, pp. 11-13) nota que “. . . o interesse de Lowie em traduzir e publicar a monografia sobre os Timbira foi correspondido por Nimuendajú, que passou a enviá-la em partes. . .”.

²⁶ Magüta é o nome pelo qual esses povos indígenas se autodefinem originariamente (será mantida a grafia ‘Tükuna’ somente para referir o livro homônimo de Curt Nimuendajú – Nimuendajú, 1952a). Em outros autores, usa-se também Tikuna e Ticuna.

²⁷ Tratava-se, principalmente, de duas monografias, em vias de tradução e publicação: “The eastern Timbira” (Nimuendajú, 1946a) e “The Tükuna” (Nimuendajú, 1952a).

²⁸ O material destruído no Museu Nacional era constituído de cópias das cartas enviadas por Nimuendajú, tanto quanto das cartas originais recebidas de Lowie, entre outros documentos e também fotografias, no formato de originais em negativos ou de impressões destes (CELIN-MN, 2010).

²⁹ Além de assinar a tradução de textos de Nimuendajú, ele eventualmente agregava contribuições, como indica, por exemplo, a nota de rodapé seguinte, ao referir a tradução de Lowie, “. . . who also incorporated a few statements from his correspondence with the author and a few references to other authors” (Nimuendajú, 1946b, p. 93).

governo dos EUA (Grupioni, 1998, pp. 226-227), bem como postura similar por parte do governo brasileiro: “. . . the Brazilian authorities would not permit us to use German, consequently he wrote in Portuguese and I answer in English . . .” (R. Lowie, 30 out. 1945 citado em Menta, 2021, p. 6)³⁰.

Nimuendajú escreveu seu último trabalho (Nimuendajú, 1952a), portanto, originalmente em português. Sobre essa monografia, remetida aos EUA em 1943, R. Lowie (1959, p. 120) notou em sua autobiografia: “. . . It therefore just have to wait for translation until one of my students, William D. Hohenthal Jr., returned from his army service. . .”. Embora natural da Califórnia, Hohenthal Jr. residiu no Brasil entre 1941-1947, a serviço do exército dos EUA. A última carta trocada entre Lowie e Hohenthal Jr., mencionada por Menta (1921, p. 9), é de junho de 1947, a partir de quando já era previsto seu retorno aos EUA, onde defenderia sua tese de doutoramento, sob orientação de Lowie (Hohenthal Jr., 1951).

Em seguida, o então tradutor da monografia sobre os Magüta (Tükuna) realizaria outras duas sucessivas viagens de pesquisa no Brasil, em 1951 e 1952, e logo após ingressaria como professor, em 1953, na Universidade do Estado de São Francisco, na Califórnia (Menta, 2021, pp. 10-12). Hohenthal Jr. não mais retornaria ao Brasil, bem como se afastaria de Berkeley em função de seu novo emprego em São Francisco, o que nos leva a constatar que Hohenthal Jr. trabalhou com os materiais de Nimuendajú a partir de 1947 até poder concluir sua tradução.

Em junho de 1950, data referida à submissão do manuscrito aos editores, para publicação (Nimuendajú, 1952a, p. iv), a tradução já estava, portanto, completa. No artigo de Menta (2021), cujo foco principal é a contribuição de Hohenthal Jr. para a etnologia dos povos indígenas do Nordeste, não há maiores informações sobre o período

que vai de 1947 a 1951, justamente quando o mesmo estaria em Berkeley. Nem há qualquer referência à tradução, realizada por Hohenthal Jr. para Lowie, da monografia sobre os Magüta (Tükuna), remetida à Universidade da Califórnia em 1943 e postumamente publicada em abril de 1952.

Lowie, ao tempo em que compartilhou a monografia sobre os Magüta (Tükuna) com Hohenthal Jr., possivelmente guardou consigo e utilizou, pelo menos até 1949, o conjunto dos materiais enviados por Nimuendajú sobre os grupos Gê. Originalmente escritos em alemão, os textos de Nimuendajú fomentaram o trabalho de tradutor e editor desempenhado por Lowie, o que tornou possível a publicação póstuma da monografia sobre os Timbira orientais (Nimuendajú, 1946a). Além disso, como já notado, Lowie tinha nos materiais de Nimuendajú uma fonte de primeira mão, que lhe serviu de motivação e de referência, entre outras, para a elaboração de uma série de textos publicados nos volumes 1 (1946), 3 (1948) e 5 (1949) do “Handbook of South American Indians”³¹.

Outras questões podem também ser levantadas para futuras pesquisas, acerca do trabalho de Hohenthal Jr. com os manuscritos de Nimuendajú. Teria sido esse trabalho de tradução realizado nas próprias dependências do departamento, numa mesma sala de uso comum, onde Lowie e Hohenthal Jr. poderiam ter acesso aos materiais remetidos por Nimuendajú? Quando exatamente o trabalho de tradução teria iniciado e quanto tempo levou? Quais teriam sido os acordos que condicionaram a realização desta tradução do português para o inglês, enquanto Hohenthal Jr. trabalhava também em sua tese? Em que medida Hohenthal Jr. teria utilizado as notas de campo de Nimuendajú em suas próprias pesquisas?³²

³⁰ Menta (2021) aborda diversos aspectos de sua trajetória e contribuição à etnologia brasileira, com base em um conjunto de cartas trocadas com Robert Lowie, entre 1945 e 1947.

³¹ Ver a série de textos assinados apenas por Lowie no “Handbook of South American Indians” (“Contribuições de Robert H. Lowie. . .”, s. d.).

³² Fica a hipótese de que Hohenthal Jr. tenha realizado a tradução da monografia sobre os Magüta nas dependências do Departamento de Antropologia, quando também usou os materiais de Nimuendajú para sua tese, entre 1948 e 1950.

CARTAS DE NIMUENDAJÚ NO ÚLTIMO LIVRO DE LOWIE

Uma vez finalizados os trabalhos, com as últimas monografias publicadas, como Lowie teria organizado e acomodado o conjunto dos materiais recebidos de Nimuendajú? Lowie se aposentou em 1950, pouco antes, portanto, de Hohenthal Jr., seu estudante, defender sua tese, na primeira metade de 1951, e cerca de dois anos antes da publicação da monografia sobre os Magüta (Nimuendajú, 1952a). Entre 1950 e 1957, ano de seu falecimento, Lowie refletiu sobre sua carreira tanto quanto organizava suas publicações e arquivos, além de escrever sua autobiografia. DuBois (citado em R. Lowie, 1960, p. vii) nota que Lowie, “. . . during the last ten years of his life, returned again and again to an appraisal of his work and the intellectual climate in which it was pursued. . .”. Luella Cole Lowie, sua esposa, relatou, na introdução, como o livro autobiográfico de Lowie foi escrito e concluído, pouco antes de falecer:

. . . He began it in the fall of 1956, finished about half of it before his first operation in April, 1957, wrote all but one of the remaining chapters before his second operation in July, and struggled through the final one as best he could in the six weeks of life that remained to him. . . On September 19 he wrote about two pages, told me happily that the book was finished, and asked me to arrange for the typing of the last chapter. . . (R. Lowie, 1959, p. vii).

A autobiografia de Lowie contém um capítulo inteiro dedicado a Curt Nimuendajú e ao projeto do “Handbook of South American Indians”, intitulado “Field work in absentia” (R. Lowie, 1959, pp. 119-26). Nele, são apresentadas cinco cartas, escritas entre 1936 e 1937 (três de Nimuendajú e duas de Lowie), e

um relato sintético do envolvimento de Lowie, entre 1924 e 1942, no projeto suprarreferido. Escrever uma autobiografia, de modo a organizar aquilo que seria o seu legado intelectual, evidentemente diz respeito também a olhar seus materiais arquivados ao longo dos anos. As cartas de Nimuendajú publicadas na sua autobiografia parecem indicar que tais manuscritos, recebidos do Brasil, estavam mantidos juntamente com seus arquivos pessoais, ao lado de suas outras diversas correspondências.

Em vista do título do capítulo dedicado a Nimuendajú na autobiografia, “Trabalho de campo à distância”, é plausível imaginar que Lowie organizava manuscritos com base na categoria de anotações de campo (*fieldnotes*), numa divisão que levava em conta os diferentes grupos étnicos estudados. Mas por que os arquivos de Nimuendajú, organizados e mantidos por Lowie até os anos 1950, não foram definitivamente incorporados em sua própria coleção documental?

JOHN HOWLAND ROWE

O destino das cartas, documentos e anotações de campo de Nimuendajú, todavia, parece ter sido condicionado pelas relações de Lowie com outro professor de Berkeley, John Rowe, o qual passou a integrar o quadro de professores a partir de 1948. A informação seguinte, indicada por Faulhaber (2013), numa nota ao final de seu artigo, foi obtida por ela em contato pessoal com a viúva de Rowe, entre 2007 e 2008³³. Ao referir uma carta de 19 de setembro de 1934, na qual Izikowitz³⁴ escreve a Lowie sobre Nimuendajú, é mencionada pela autora a origem da fonte utilizada:

³³ Período de suas pesquisas em diferentes arquivos nos EUA (Faulhaber, 2012, p. 111). Em outro artigo seu (Faulhaber, 2016), é referida uma visita aos EUA em 2010. Aí também há a mesma referência ao encontro anterior com Patrícia Lyon (Faulhaber, 2016, p. 115, nota de rodapé 13), bem como no seu artigo de 2012 (Faulhaber, 2012, p. 97, nota de rodapé 23).

³⁴ Karl Gustav Izikowitz (1903-1984), etnógrafo e organologista, consolidou sua carreira no Museu de Gotemburgo, entre os anos 1940 e 1960; conheceu Lowie em Berkeley e depois Nimuendajú, em 1934, na Suécia, quando fazia seu doutorado no Museu já mencionado, onde passaria a trabalhar efetivamente a partir de 1944 (Schröder, 2022, p. 238).



. . . Essa carta consta na lista de cartas organizada por J. Rowe, depositada no fundo Nimuendajú confiado à sua custódia por Robert Lowie. Como se tratava de correspondência entre pessoas perseguidas pelo nazismo, sem tal consignação os documentos teriam corrido o risco de desaparecer, já que as instituições de inteligência dos Estados Unidos colocavam sob suspeita as produções de alemães no país (JRA). Agradeço a Patrícia Lyon pelo acesso a essa documentação. Ela afirmara que só abriria o arquivo quando julgasse que os documentos nele contidos poderiam ser analisados dentro de uma postura de comprometimento ético (Faulhaber, 2013, p. 244).

Em outro artigo publicado, no qual analisa a divisão do trabalho intelectual na produção do “*Handbook of South American Indians*”, a autora utiliza outro documento a que teve acesso através de Patrícia Lyon, viúva de Rowe: “*Report on Sr. Curt Nimuendajú’s work since 1938, signed by Lowie on February 2nd 1942, 4 pages (JRA)*” (Faulhaber, 2012, p. 97, nota de rodapé 24). Até aqui, os dois documentos mencionados referem-se a Nimuendajú, mas não foram escritos por ele. A sigla utilizada para citação, “JRA”, significa aparentemente “John Rowe Archives”.

Se os arquivos de Lowie (C-B 927), com sua extensa e diversificada correspondência, não contêm uma única carta escrita por Nimuendajú³⁵, os arquivos departamentais (CU-23), em sua sub-série 4 (correspondência), contêm a seguinte indicação: “Nimuendajú, Curt 1941-1955 (Box 114)” (Bancroft Library, 2000, p. 192). Entretanto, a lista de cartas e o relatório de Lowie sobre Nimuendajú, referidos mais acima, ao que tudo indica, fazem parte dos documentos organizados por Lowie, guardados com os arquivos de John Rowe e, portanto, referentes ao período de 1935-1945.

Para compreender a trajetória destes arquivos de Nimuendajú em Berkeley, é necessário, então, retroceder no tempo, de modo a esclarecer como Rowe passaria a fazer parte dessa história. A julgar pela referência a um fundo documental que teria sido transferido a Rowe pelo próprio Lowie, fica claro que tal transferência foi decidida

em algum momento a partir de 1948, ano do ingresso de Rowe em Berkeley, e antes de 1957, quando Lowie já se encontrava enfermo. Uma série de questões pode, então, ser levantada em relação à guarda e à curadoria dos arquivos de Nimuendajú.

Como entender o fato de que Lowie tenha confiado o “fundo Nimuendajú” a um professor recém-chegado, quando havia outros professores mais antigos do departamento, inclusive Kroeber, os quais eventualmente poderiam manter a guarda destes documentos? Quais teriam sido as condicionantes e os acordos relativos a tal decisão de transferir essa documentação? Com qual tipo de organização ou classificação Lowie teria entregue a Rowe o conjunto dos documentos relativos aos trabalhos de Nimuendajú? Se Rowe realmente organizou uma ‘lista de cartas’, quais outras intervenções teria ele agregado ao fundo documental recebido de Lowie?

ROWE E LOWIE

Sem pretender dar conta de todas as questões, espera-se ao menos seguir as linhas gerais da trajetória dos arquivos de Nimuendajú em Berkeley, com base em considerações acerca de Rowe, de seus trabalhos e relações estabelecidas no departamento. Ver-se-á como esse arqueólogo, que chegaria na Califórnia em 1948, já há vários anos almejava trabalhar na UCB, em função justamente do interesse pela América do Sul, em especial pela cultura inca, sobre a qual Kroeber havia realizado pesquisas anteriormente. Desde sua entrada até sua aposentadoria, em 1988, ele atuou como curador de arqueologia da América do Sul no Museu Antropológico de Berkeley (L. Rowe et al., 2006).

Especialista em arqueologia andina, com doutoramento em antropologia e história da América Latina, pela Universidade de Harvard (1947), ele residiu por dois anos no Peru (1942-1943), onde fez parte do quadro docente da Universidad Nacional de San Antonio Abad del Cusco

³⁵ Tal afirmação tem por base a consulta aos guias descritores das coleções, bem como pesquisa direta nos documentos arquivados de Lowie (C-B 927), na Biblioteca Bancroft, no início de 2020.

(UNSAAC) (Burger, 2007, p. 35). Embora desejasse desde muito cedo estudar arqueologia com Kroeber, em Berkeley, permaneceu em Harvard durante toda sua formação, ao longo da qual também realizaria serviço militar na Europa, além de escrever um capítulo para o “Handbook of South American Indians” (Rowe, 1946), sobre a cultura inca na época da conquista espanhola, e uma monografia introdutória sobre tema similar (Rowe, 1944).

Durante a Segunda Guerra, em 1944, Rowe foi enviado para a Alemanha, quando tornou-se sargento. Depois, com o fim da guerra, ingressa como estudante na “. . . Universidade de Paris (1945-46), onde estudou com Marcel Mauss e outros” (Burger, 2007, p. 35). Após, finalmente, concluir seu doutoramento nos EUA, trabalhou como etnógrafo e arqueólogo na Colômbia, a serviço da Smithsonian Institution, antes de ingressar, em 1948, como professor em Berkeley, com o apoio de Kroeber (Burger, 2007, p. 36).

Kroeber já estava aposentado desde 1946 e Lowie, portanto, antes de se aposentar, em 1950, passou a ter mais contato com Rowe, sendo possível até que o tenha recebido pessoalmente, em 1948, pelo Departamento de Antropologia, por ocasião de sua contratação. Os arquivos de Lowie contêm três cartas recebidas de Rowe, entre 1950 e 1957 (Bancroft Library, 1997a, p. 56). O interesse comum voltado ao sul das Américas, ao longo dos anos 1940, certamente foi um dos fatores relevantes para a aproximação entre Lowie e Rowe.

O conhecimento da língua alemã possivelmente foi outro. . . . Besides English and Spanish, and Latin and Greek, he also had a good working knowledge of French and German, to the extent that he compiled an extensive dictionary of German archaeological terms in order to help his students pass their language exams. . . (Schreiber, 2006, p. 200)³⁶.

Rowe também se interessava pelas línguas indígenas faladas na América do Sul, pesquisou e publicou sobre etnografia e linguística, inclusive um mapa intitulado “Indian tribes of South America”. Este último, publicado originalmente em 1948, recebeu duas edições revisadas e atualizadas em 1951 e 1973. Em 1974, escreveu o verbete “Tupi-Guarani” (Rowe, 1974a) para a “Encyclopedia americana” (Abraham et al., 2006, p. 214).

Embora seu interesse maior fosse a arqueologia inca e a coleção de artefatos peruanos do Museu Antropológico de Berkeley³⁷, tudo indica que ele desenvolveu, ao mesmo tempo, um olhar mais abrangente para a América do Sul e seus povos indígenas, por isso os trabalhos de Lowie com Nimuendajú foram por ele acessados, como ficará demonstrado a seguir.

Um indício da aproximação entre Lowie e Rowe no departamento é uma carta escrita por Rowe em abril de 1951, em resposta a Charles Wagley, sobre financiamento de novas pesquisas de Hohenthal Jr. no Brasil. A carta teria sido endereçada a Lowie, mas foi Rowe quem a respondeu, pelo departamento de Berkeley. Tratava-se de redefinir o lugar onde Hohenthal Jr. faria suas novas pesquisas de campo, financiadas por entidade³⁸ na qual Wagley atuava como conselheiro. Rowe lhe asseguraria que o plano de pesquisa de Hohenthal Jr. não necessitava reparo algum:

. . . In a recent letter, Lowie passed on to us your suggestion that Hohenthal should have an alternative plan for the Brazilian field work . . . I think we have enough information on the subject here in the department files to justify my assurance to you that there is no danger of such an eventuality . . . I feel reasonably confident, on the basis of references in Nimuendajú’s correspondence, that the situation of a number of the other groups listed by Hohenthal is equally promising. . . (Rowe, 25 abr. 1951c, citado em Menta, 2021, p. 9).

³⁶ “. . . The job in Berkeley required someone who could teach both archaeology and linguistics and he was the only applicant who had this combination of expertise. . .” (A. Rowe, na seção “Reminiscences of John Howland Rowe”, em L. Rowe et al., 2006, p. 224).

³⁷ “. . . The great appeal of the job in Berkeley was the presence of the Uhle collection at what is now the Hearst Museum. . .” (A. Rowe, na seção “Reminiscences of John Howland Rowe”, em L. Rowe et al., 2006, p. 224).

³⁸ Trata-se do Social Sciences Research Council (SSRC), localizado em Nova Iorque.



Portanto, dois anos após ingressar como professor em Berkeley, ele demonstrara conhecimento dos documentos mantidos pelo departamento, inclusive da correspondência de Nimuendajú. Como Lowie já havia se aposentado em 1951, a resposta acima parece sugerir que Rowe passara a se responsabilizar por assuntos relacionados à América do Sul, aos quais Lowie havia se dedicado por mais de uma década. Ao olhar para algumas outras publicações de Rowe na época, isso fica bastante evidente.

Em 1950, ele publicou resenha de uma edição (de 1948) da Revista do Museu Paulista (Rowe, 1950a); em 1951, publicou uma nota sobre "Atividades americanistas do Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia (Berkeley) em 1950" (Rowe, 1950b) no Boletín Bibliográfico de Antropología Americana³⁹. Nessa mesma época, ele publicaria uma série de vezes sob o mesmo título, "Notes and news: South America", no periódico *American Antiquity*⁴⁰. No mesmo periódico, um outro título aparece publicado, o qual chama atenção pela divisão entre leste e oeste: "Some recent publications: western South America, eastern South America" (Rowe, 1951a). Na *Hispanic American Historical Review*, escreveu uma resenha do volume IV do "Handbook of South American Indians" (1950) (Rowe, 1951b).

Em 1952, os mesmos títulos de Rowe no Boletín Bibliográfico e em *American Antiquity* reaparecem publicados, com contribuições atualizadas, entre notas e resenhas; inclusive essa que parece propor uma síntese anual das pesquisas americanistas do departamento, desta vez relativas então ao ano de 1951. Mas duas publicações,

em especial, parecem demonstrar proximidade de Rowe tanto em relação àquilo que Lowie vinha pesquisando já há mais de uma década, quanto aos arquivos de Nimuendajú, mantidos pelo último.

A primeira é uma nota de cerca de três páginas, intitulada "Dr. William D. Hohenthal's researches in Brazil" (Rowe, 1951d)⁴¹, sobre as pesquisas do orientando de Lowie. A segunda envolve o mesmo tipo de trabalho que Lowie vinha fazendo, de tradutor e editor de Nimuendajú. Trata-se de um manuscrito sobre os Tapajós (Nimuendajú, 1952b), com vinte e cinco páginas, publicado na revista então há pouco tempo criada, com a colaboração de Rowe, e intitulada *Kroeber Anthropological Society Papers* (Abraham et al., 2006, p. 206).

Em linhas gerais, portanto, fica claro que Rowe, desde 1948 pelo menos, coopera com Lowie em diversos assuntos relativos à América do Sul, e, além disso, tem seu acesso progressivamente ampliado em relação aos materiais arquivados de Nimuendajú. Esses materiais ficaram sob sua guarda, ao que tudo indica, após o falecimento de Lowie, em 1957. Mas é possível que antes disso, na época da aposentadoria de Lowie, em 1950, eles já estivessem destinados a ficarem sob sua responsabilidade, talvez compartilhados em algum ambiente do departamento ao qual Rowe e Lowie tinham acesso.

Nesse sentido, a seguinte passagem de Jacknis pode ser aplicada à transferência da curadoria entre Lowie e Rowe: ". . . Whether through the action of the creator or his/ her literary executors, parts of a scholar's work may be given to students or colleagues in order that they might 'complete' or otherwise use the fieldnotes . . ."

³⁹ S. Calpestri (na seção "John Rowe remembered", em L. Rowe et al., 2006, p. 236) nota que Rowe, desde 1948, trabalhou na formação de coleções para a biblioteca de antropologia, quando o acervo ficava ainda na biblioteca principal da universidade, depois ele mesmo fundou a Biblioteca do Departamento de Antropologia, em 1953. As numerosas resenhas publicadas nesse período parecem refletir a atividade de seleção de itens para aquisição pela biblioteca.

⁴⁰ Desde 1950 até 1954, são vários "notes and news" publicados em *American Antiquity*; em 1955, ele publica os verbetes "Carajá" e "Botocudo" na "Encyclopedia americana", o que parece expressar seu maior envolvimento com a América do Sul justamente no início dos anos 1950, já em contato com os materiais de Nimuendajú (Abraham et al., 2006, p. 208).

⁴¹ Mais tarde, em 1955, Rowe publica resenha sobre o livro de René Ribeiro, veiculado em 1952, sobre "Cultos afrobrasileiros do Recife" (Rowe, 1955).

(Jacknis, 2002, p. 215). Vê-se, assim, porque estes documentos, que representam a história da parceria intelectual entre Nimuendajú e Lowie, não foram arrolados nos registros arquivados do Departamento de Antropologia e tampouco nos arquivos pessoais de Lowie, uma vez que, por iniciativa do próprio Lowie, ao que tudo indica, a responsabilidade pelos arquivos de Nimuendajú foi transferida a Rowe, de modo que este pudesse fazer uso deles em suas pesquisas e publicações relativas à América do Sul.

Mas entre os anos 1950 e o falecimento de Rowe, em 2004, quem mais teria tido acesso aos arquivos de Nimuendajú? Por que foi preciso esperar até 2019 para que eles fossem incorporados oficialmente nos Arquivos da Universidade?

PATRICIA JEAN LYON

Entrará aqui outro ponto da rede de relações que condicionou a trajetória destes arquivos: Patrícia Jean Lyon, já mencionada anteriormente. É com ela que Rowe se casa, em 1970, após se separar, em 1969, de sua primeira esposa⁴². Referida por Schreiber (2006, p. 198) como uma “etnógrafa da região amazônica”, Lyon defendeu em 1967 sua tese de doutorado em Antropologia, em Berkeley, com um estudo sobre as canções dos Wachipaeri na Amazônia peruana (Lyon, 1967)⁴³. Em 1972, ela tornou-se coeditora (com Rowe) do periódico *Ñawpa Pacha*, criado pelo Instituto de Estudos Andinos⁴⁴, do qual Rowe é um dos fundadores.

Dois anos depois, Lyon publicou o livro “Native South Americans” (Lyon, 1974), uma coletânea com dezenas de capítulos, na qual Nimuendajú figurou como um dos

colaboradores. Além de autor do capítulo nove⁴⁵, ele é também citado ou mencionado em cinco outros capítulos⁴⁶, bem como em seis textos introdutórios de Lyon, no início de partes ou de capítulos⁴⁷. Nimuendajú também é referido na nota final acerca do mapa elaborado e atualizado por Rowe, com os grupos étnicos identificados e sua distribuição na América do Sul. A frequência com que Nimuendajú é mencionado por Lyon, ao longo de todo o livro, seria suficiente para entendermos como seus arquivos serviram de motivação e fonte para esse trabalho de edição do início dos anos 1970?

No prefácio do livro⁴⁸, constituído de textos de 35 diferentes autores, distribuídos em 39 capítulos e cinco partes, Lyon apresenta o trabalho realizado e faz a seguinte observação inicial:

A book such as this is never the work of a single person, in spite of the fact that only one name appears on the title page. It would be impossible to mention all those colleagues and friends who have contributed to the creation of this text, but there are some who have made especially important contributions. . . (Lyon, 1974, p. v).

Lyon menciona, então, doze pessoas que contribuíram de diferentes formas e termina assim o seu primeiro parágrafo do prefácio: “. . . All the publishers and authors of the works included have also been most helpful” (Lyon, 1974, p. v). Em seguida, sobre as traduções, ela nota que: “With two major exceptions, and unless otherwise noted, I have translated all foreign-language material in this book. . .” (Lyon, 1974, p. v). As exceções dizem respeito aos capítulos assinados por Udo Oberem e Gerardo Reichel Dolmatoff. A autora segue e finaliza seu segundo parágrafo do prefácio:

⁴² Com quem se casou em 1942 e teve duas filhas, em 1947 e 1950.

⁴³ Rowe participou do comitê examinador da tese, aparentemente como seu orientador, o que indica que eles se conheciam pelo menos desde meados dos anos 1960.

⁴⁴ O Instituto foi criado por Rowe em Berkeley, a partir de 1959 (Institute of Andean Studies, s. d.a).

⁴⁵ “Farming among the Eastern Timbira”, capítulo 9 (Nimuendajú, 1974).

⁴⁶ Capítulos 4, 7, 16, 24 e 29, respectivamente de Rowe, Carneiro, Crocker, Mellati e Clastres (Lyon, 1974, pp. vii-ix).

⁴⁷ Parte II, capítulo 9, parte IV, capítulo 24 e parte V, capítulo 33.

⁴⁸ “Preface and translator’s note” (Lyon, 1974, pp. v-vi).

All translations were submitted to the authors for approval (with the exception of the articles by Herbert Baldus, Max Schmidt, and Jose Alvarez, who are dead) and I cannot adequately express my thanks to them for carefully checking the translations (Lyon, 1974, p. v).

Ao buscar aqui entender a trajetória dos arquivos de Nimuendajú em Berkeley, é preciso atentar ao “salvo indicação em contrário” (Lyon, 1974, p. v) na nota da tradutora. Constata-se, nesse sentido, que não há menção a Nimuendajú, embora ele seja um dos ‘mortos’ a quem não foi possível submeter a versão do texto para aprovação antes de publicar. Nem há menção a Lowie, tradutor do texto sobre os Timbira (Nimuendajú, 1946a), parcialmente utilizado para compor o capítulo 9, assinado por Nimuendajú (postumamente). Como Nimuendajú se encaixaria nas categorias acadêmicas usualmente utilizadas em publicações de coletâneas? No escopo da apresentação do trabalho escrita por Lyon, não há como dizer que ele seja um colega ou tampouco um amigo.

Ao considerar, de todo modo, a parceria Lowie-Nimuendajú entre 1935-1945 como um evento histórico de considerável importância, seja para os volumes do “Handbook of South American Indians” (1946-1949)⁴⁹, como também para o livro editado por Lyon em 1974, sente-se que há aí uma lacuna injustificada. Os arquivos de Nimuendajú em Berkeley, utilizados em alguma medida neste livro, também não são mencionados por Lyon em seus textos introdutórios.

O artigo de Rowe sobre as classificações linguísticas, originalmente publicado em 1954, é possivelmente o que melhor denota esse uso dos materiais documentais de Nimuendajú (Rowe, 1954). Veja-se o exemplo seguinte: “. . . it is only ten years since Curt Nimuendaju reported to Robert H. Lowie the discovery of five hitherto unknown Indian languages near the mouth of the Sao Francisco River in northeastern Brazil. . . ”⁵⁰ (Rowe, 1974b, p. 44).

Sobre a passagem acima, numa nota em separado, o autor menciona carta a Lowie, enviada de Belém do Pará e datada de 6 de dezembro de 1941. Noutra parte, ele nota que “. . . Nimuendaju left about half of his linguistic data in manuscript. . .” (Rowe, 1974b, p. 45); o que indica, evidentemente, certo conhecimento, inclusive um dimensionamento, acerca do material linguístico publicado em relação aos manuscritos arquivados.

Na introdução de Lyon, referente ao capítulo de Nimuendajú, a autora diz tratar-se de uma seleção de sua monografia de 1946 (Nimuendajú, 1946a), enfatizando sua importância histórica, no sentido de que seu trabalho com os grupos Gê “. . . brought these groups to the attention of the anthropological world. . .” (Lyon, 1974, p. 111), indicando atualizações sobre o assunto, ao mencionar, por exemplo, pesquisas de David Maybury-Lewis e sua apresentação num simpósio em 1971. Ela aponta, ainda, numa nota de rodapé, para acréscimos adicionados por ela própria ao texto de Nimuendajú⁵¹.

As diversas considerações feitas até aqui parecem suficientes para constatar que, em alguma medida, os arquivos de Nimuendajú, tanto quanto suas publicações em parceria com Lowie, se fizeram presentes em algumas atividades acadêmicas e publicações de Rowe e Lyon pelo menos até o início dos anos 1970. Ver-se-á, a seguir, que a transferência oficial dos arquivos de Rowe foi iniciada somente a partir de 2006, para então compor os arquivos institucionais, atualmente sob a guarda da Biblioteca Bancroft. Após décadas, portanto, sob a responsabilidade de Rowe e Lyon, teremos outra fase da trajetória dos materiais de Nimuendajú na Califórnia, quando serão transferidos efetivamente ao setor de Arquivos da Universidade em Berkeley.

Mas como e em que medida teriam sido (ou não) utilizados outras vezes, ao longo de mais de 30 anos, e

⁴⁹ Ver Faulhaber (2012) para uma apreciação crítica dos trabalhos realizados para o “Handbook of South American Indians”.

⁵⁰ Esse texto de Rowe, originalmente publicado em 1954, foi inicialmente apresentado num simpósio em 1951 (Rowe, 1954).

⁵¹ “All material appearing within square brackets with an asterisk [*] has been added by the editor of this book” (Lyon, 1974, p. 111).

em quais condições teriam sido mantidos preservados? Alguém mais teria tido acesso a eles ao longo desse tempo?

DIFERENTES TEMPORALIDADES NA FORMAÇÃO DE TRÊS COLEÇÕES ANTROPOLÓGICAS

Enquanto a esposa de Nimuendajú, aparentemente, não tinha muito conhecimento acerca do trabalho etnográfico desenvolvido por ele (Pinto, 2008 citado em Welper, 2020, p. 673)⁵², nos casos de Lowie e Rowe, a situação é quase, senão totalmente, oposta, tendo em vista que as esposas dos dois últimos também realizaram trabalhos intelectuais. Todavia, nas três situações, constata-se a preservação dos arquivos durante intervalos maiores ou menores, a contar da aposentadoria e/ou do falecimento de Nimuendajú, Lowie e Rowe, até a transferência oficial de seus acervos para instituições públicas. Assim, tem-se, respectivamente, 1945-1951 (Nimuendajú/Museu Nacional), 1950-1957-1964 (Lowie/UCB) e 1988-2004-2006 (Rowe/UCB) como intervalos.

Luella Cole Lowie foi executora literária de Robert Lowie, trabalhou nos anos que se seguiram ao seu falecimento na organização de seus materiais para, enfim, transferi-los para os Arquivos da Universidade. Algumas publicações póstumas, como o volume organizado por Cora DuBois (R. Lowie, 1960), bem como a correspondência com Edward Sapir (L. Lowie, 1965) e um compilado de sonhos (R. Lowie, 1966), apontam para o período de avaliação e seleção, no âmbito do conjunto documental acumulado, com vistas a projetos de publicação e/ou de arquivamento. Constata-se, pois, que, a partir de 1957, ano do falecimento de Lowie,

seus documentos foram mantidos e reorganizados pela esposa para, finalmente, serem “adquiridos” pela Biblioteca Bancroft em 1964 (Bancroft Library, 1997a, p. 3).

No caso de Rowe, sobre quem a revista *Ñawpa Pacha* publicou um dossiê-memorial (L. Rowe et al., 2006), as informações referentes aos seus arquivos, atualmente sob custódia da Biblioteca Bancroft, referem doações sucessivas feitas por Lyon nos anos de 2006, 2018 e 2022 (Rowe, 1947-1994). Mas, se a entrada dos materiais de Rowe no setor de Arquivos na Biblioteca Bancroft remonta a 2006, teriam os materiais de Nimuendajú sido transferidos na mesma época? Estariam esses materiais mantidos em alguma dependência da própria universidade, ou integralmente guardados na casa de Rowe e Lyon? Quais outras pessoas, entre familiares, colegas, arquivistas etc., ajudariam a esclarecer melhor tais questões, sem a possibilidade de contato com a doadora, falecida em 2023?⁵³

Em vista do fato de que somente a partir de 2019 os arquivos de Nimuendajú passaram a figurar nos catálogos digitais da Universidade da Califórnia⁵⁴, “Transferred from the John Howland Rowe papers”⁵⁵, é provável que a doação subsequente de Lyon, em 2018, diga respeito justamente aos arquivos de Nimuendajú. Eles teriam sido, então, desmembrados e processados em separado a partir de 2019, o que condiz com a informação, indicada anteriormente, de Faulhaber sobre Lyon ter lhe dado acesso a uma carta, entre outras, organizada em uma lista (Faulhaber, 2013, p. 244). Tal fato ocorreu entre 2007 e 2008⁵⁶, quando os arquivos de Nimuendajú, portanto, ainda estariam sob a guarda de Lyon, como se fossem “arquivos privados”⁵⁷.

⁵² Os materiais reunidos de Nimuendajú que estavam guardados com ela em Belém foram comprados pelo Museu Nacional nos anos 1950 (Welper, 2020, p. 678).

⁵³ A informação sobre o falecimento de Patricia Lyon está disponível em Institute of Andean Studies (s. d.b). Como será visto a seguir, Priscila Faulhaber é uma das pessoas que teve contato com Lyon. A questão fica aberta, todavia, para futuras pesquisas.

⁵⁴ Até então, a busca por “Nimuendajú” levava somente aos arquivos do departamento (CU-23) e aos arquivos de Lowie (C-B 927).

⁵⁵ Informação disponível em Nimuendajú (1914-1952).

⁵⁶ Período de pesquisas nos EUA, inclusive em Berkeley, indicado por Faulhaber (2012, p. 111).

⁵⁷ Possivelmente, o fato de os mesmos estarem guardados na casa de Lyon foi o que levou Faulhaber a mencioná-los como “. . . arquivos privados nos Estados Unidos. . .” (Faulhaber, 2023, p. 14).



Neste caso, o incêndio do Museu Nacional em 2018 teria sido uma motivação para a doação feita? Seja como for, o receio de que os serviços de inteligência dos EUA descobrissem tal documentação, escrita em alemão, e a colocasse “sob suspeita”⁵⁸, o que pode remontar ao período da Segunda Guerra e da Guerra Fria, teria sido a principal razão para a tardia transferência dos materiais de Nimuendajú aos Arquivos da Universidade? Mesmo se assim fosse, por que outras razões esses materiais não teriam sido transferidos antes, enquanto Rowe estava vivo e aposentado, na década seguinte, ao fim da Guerra Fria, nos anos 1990?

Segundo Faulhaber (2013, p. 244), Lyon “. . . afirmara que só abriria o arquivo quando julgasse que os documentos nele contidos poderiam ser analisados dentro de uma postura de comprometimento ético”. Independentemente dos questionamentos possíveis em relação à tal afirmação de Lyon, constata-se, enfim, que os materiais de Nimuendajú transitaram em Berkeley entre diferentes locais, sob a curadoria de três pessoas diferentes (Lowie, Rowe e Lyon), ao longo de várias décadas, até sua guarda institucional junto ao setor de Arquivos da Universidade da Califórnia, em 2019.

Em vista dos usos dos materiais de Nimuendajú ao longo desse tempo, por diferentes pesquisadores (Lowie, Hohenthal Jr., Rowe e Lyon), sejam em publicações ou pesquisas, uma análise de suas atuais condições poderia revelar outros aspectos da trajetória destes arquivos e de seus usuários? Supõe-se, na melhor das hipóteses, que durante todos esses anos os materiais remetidos a Lowie tenham sido integralmente conservados e mantidos juntos, para serem transferidos em 2018, de modo a

formar os atuais arquivos de Nimuendajú em Berkeley, os quais encontram-se reorganizados em dois conjuntos: manuscritos e fotografias.

Seu ingresso no setor de Arquivos da Universidade na Biblioteca Bancroft, ao que tudo indica, constitui um acontecimento que tende a afastar de vez quaisquer riscos de dispersão comumente associados a esse tipo de material, além de criar condições estáveis de preservação e expandir as possibilidades de acesso e consulta pública; diferentemente da situação anterior, portanto, quando “. . . permission tended to be given based on the personal relationship of the prospective researcher to the curator. . .” (Jacknis, 2002, p. 217). Itens de arquivos podem ser requisitados para ‘consulta’, ‘duplicação’ e mesmo ‘publicação’ através do sistema eletrônico de requisições de coleções especiais da Biblioteca Bancroft (Bancroft Library, s. d.), o qual contém uma tabela de preços, variável de acordo com o tipo de uso a ser feito do material consultado.

Uma vez requisitados e trazidos para consulta, poderão ser acessados pessoalmente numa sala de leitura reservada e preparada para o uso de pesquisadores. Mas a abertura dos arquivos de Nimuendajú para quaisquer ‘pesquisadores’, sejam afiliados ou não à Universidade da Califórnia, não foi imediata, uma vez que, pelo menos até julho de 2020, estavam ainda inacessíveis, “em processamento”⁵⁹. Até o momento, não foi disponibilizado um guia descritor detalhado⁶⁰ que possa auxiliar nas consultas e pesquisas sobre estes materiais. As requisições precisam ser enviadas com certa antecedência, já que seus arquivos estão alocados em outro prédio, fora das dependências da Biblioteca Bancroft.

⁵⁸ Tal como aponta a nota de Faulhaber em relação ao seu encontro com Patrícia Lyon, em fins dos anos 2000: “. . . os documentos teriam corrido o risco de desaparecer, já que as instituições de inteligência dos Estados Unidos colocavam sob suspeita as produções de alemães no país. . .” (Faulhaber, 2013, p. 244).

⁵⁹ A expressão entre aspas refere-se aos termos constantes do sítio eletrônico da Biblioteca Bancroft (Bancroft Library, s. d.). A condição ‘em processamento’ dos seus arquivos foi registrada em consulta eletrônica realizada em 15/07/2020, período em que a Biblioteca Bancroft estava fechada em função da pandemia de Covid-19.

⁶⁰ Guias descritores detalhados estão disponíveis, por exemplo, nos casos dos arquivos de Lowie (C-B 927) e do Departamento de Antropologia (CU-23)

O acesso aos materiais arquivados constitui, entretanto, tópico imprescindível ao debate de natureza ética e política em torno de arquivos antropológicos. Argumentos em defesa da abertura dos arquivos afirmam que “. . . if public funds pay for material (data) to be collected, then tax-payers should have access to what their taxes bought. . .”, porém, tal entendimento pode contrariar “tradições culturais de grupos étnicos no que diz respeito a segredos e controle de acesso a informações” (Zeitlyn, 2012, p. 472). Caberá, numa próxima ocasião, refletir sobre como povos indígenas brasileiros, representados pelos arquivos de Nimuendajú, deveriam ser levados em conta, até mesmo como coautores em alguns casos, nas decisões relativas à utilização e à publicação destes arquivos, ou também sobre como poderiam ter acesso a eles atualmente⁶¹.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a trajetória destes arquivos reflete sua utilização, pelo menos até meados dos anos 1970, no âmbito de pesquisas desenvolvidas junto ao Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley. Na função de curadores dos arquivos de Nimuendajú, Lowie, Rowe e Lyon, sucessivamente e cada qual ao seu tempo, quando não simultaneamente, tomaram as decisões em relação à conservação, à utilização e ao destino destes arquivos, doados ao setor de Arquivos da Universidade em 2018. A condição singular e incomum das relações de parceria estabelecidas por Nimuendajú com Lowie, entre 1935-1945, parece ter caracterizado a trajetória destes arquivos; condição na qual as categorias usuais de estudante (PhD), assistente de pesquisa ou de colega (docente) são insuficientes ou inadequadas para definir a posição ocupada por Curt Nimuendajú. Somada às circunstâncias políticas da Segunda Guerra, articulada à sua origem alemã, essa condição se revestiu tanto de riscos, quanto de liminaridade.

Nesse sentido, tanto uma certa marginalidade “postumamente atribuída” a ele (Welper, 2016, pp. 575-576) no Brasil, quanto a condição de suas etnografias enquanto “objetos limítrofes” (Faulhaber, 2016, p. 100), numa hierarquia acadêmica estabelecida a partir do norte global anglófono, contribuem para pensar as decisões curatoriais relativas aos seus arquivos nos EUA. Pode-se, ainda, pensar a trajetória de seus arquivos na UCB de modo análogo ao lento e problemático reconhecimento dos trabalhos de Nimuendajú pelas instituições nacionais no Brasil, tal como revelara Grupioni (1998).

A constituição tardia de um arquivo exclusivo em seu nome, no âmbito dos Arquivos da Universidade da Califórnia, representaria finalmente o pleno reconhecimento de sua inegável importância como antropólogo, ao lado de Lowie e de outros pesquisadores de Berkeley. Reforça-se a necessidade de pesquisas detalhadas acerca da parceria Lowie-Nimuendajú, tal como aponta Schröder (2022, p. 237), ao tratar de uma terceira “rede transnacional de troca e circulação de conhecimentos”, a qual parece se ampliar quando se constata os usos póstumos dos arquivos de Nimuendajú nos EUA.

Espera-se que a trajetória dos arquivos antropológicos aqui abordada sirva para contribuir criticamente à formação de pesquisadores indígenas e não indígenas, bem como para instigar novas pesquisas arquivísticas, especialmente em Berkeley, sejam *in loco* ou através dos seus sítios eletrônicos, além de fomentar projetos para a publicação e/ou facilitação do acesso aos materiais arquivados de Nimuendajú pelos povos indígenas do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos pareceristas do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, por suas relevantes contribuições a este texto; ao professor Ira Jacknis (*in*

⁶¹ Jacknis nota um aspecto importante do trabalho realizado antes da transferência aos Arquivos da Universidade, no caso dos materiais acumulados, organizados inicialmente por Kroeber: “. . . to contact all living creators or the executors of deceased researchers and ask them about their feelings on donation and access. . .” (Jacknis, 2002, p. 217).

memoriam), pela acolhida na Universidade da Califórnia (Berkeley) em 2020; à professora Klara Schenkel, pelos diálogos sobre literatura e cultura alemãs; à Universidade Federal da Paraíba, pela oportunidade de realização de estágio pós-doutoral entre 2019 e 2020.

REFERÊNCIAS

- Abraham, S. J., Lyon, P. J., & Schreiber, K. (2006). John Howland Rowe bibliography. *Nawpa Pacha*, 28(1), 203-218. <https://doi.org/10.1179/naw.2006.28.1.012>
- Athias, R. (2014). Curt Nimuendajú and the photographs of the Rio Negro Indians. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 12(2), 139-150. <https://doi.org/10.70845/2572-3626.1190>
- Bancroft Library. (1996). *Department of Anthropology records, 1901-1990: Finding aid*. Online Archive of California. <https://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/tf5489n83n/?query=Department+of+Anthropology+records>
- Bancroft Library. (1997a). *Finding aid to the Robert Harry Lowie Papers, 1872-1968* (Processed by Marie Byrne and Lauren Lassleben). Online Archive of California. https://www.berose.fr/IMG/pdf/mcb927_cubanc.pdf
- Bancroft Library. (1997b). *Ethnological documents of the Department and Museum of Anthropology, University of California, Berkeley: Finding aid*. Online Archive of California. <https://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/kt1199q7hq/?query=Ethnological+documents+of+the+Department+and+Museum+of+Anthropology>
- Bancroft Library. (2000). *Guide to the record of the Department of Anthropology, 1901-[ongoing]* (processed by Bancroft Library staff). Online Archive of California. <https://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/tf5489n83n/>
- Bancroft Library. (s. d.). *Aeon special collections request system logon*. University of California. <https://aeon.berkeley.edu/logon>
- Burger, R. L. (2007). John Howland Rowe (June 10, 1918-May 1, 2004). *Andean Past*, 8, 6. https://digitalcommons.library.umaine.edu/andean_past/vol8/iss1/6
- Centro de Documentação de Línguas Indígenas do Museu Nacional (CELIN-MN). (2010). *Índios do Brasil e o olhar de Curt Nimuendajú* [CD-ROM]. CELIN-MN.
- Contribuições de Robert H. Lowie ao Handbook of South American Indians. (n.d.). *Etnolinguística.org*. <http://www.etnolinguistica.org/handbook:lowie>
- Council for the Preservation of Anthropological Records (CoPAR). (n. d.). <https://copar.umd.edu/>
- Cunha, O. M. G. (2005). Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, 2(36), 7-32. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2242>
- Dungs, G. F. (1991). *Die Feldforschung von Curt Unckel Nimuendaju und ihre theoretisch-methodischen Grundlagen* (Mundus Reihe Ethnologie, Band 43). Holos Verlag.
- Faulhaber, P. (2012). The production of the Handbook of South American Indians Vol 3 (1936-1948). *Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology*, 9(1), 82-111. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412012000100003>
- Faulhaber, P. (2013). Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú. *Revista de Antropologia*, 56(1), 207-256. <https://revistas.usp.br/ra/article/view/64495>
- Faulhaber, P. (2016). A view from the West: The Institute of Social Science and the Amazon. In R. Darnell, & F. W. Gleach (Orgs.), *Local knowledge, global stage* (pp. 99-120). University of Nebraska Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1dxg7dv.8>
- Faulhaber, P. (2023). *Antropólogos em campo: Curt Nimuendajú, traduções americanas e etnografia Tikuna*. FAPERJ/Contra-Capa.
- Grupioni, L. D. B. (1998). O dossiê Curt Nimuendajú. In Autor, *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil* (pp. 163-245). Hucitec, ANPOCS.
- Hartmann, T. (Ed.). (2000). *Cartas do sertão de Curt Nimuendajú a Carlos Estevão de Oliveira*. Museu Nacional de Etnologia, Assírio & Alvim. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-2000-cartas>
- Hohenthal Jr., W. D. (1951). *The concept of cultural marginality and native agriculture in South America* [Tese de doutorado, University of California].
- Institute of Andean Studies. (s. d.a). <https://instituteofandeanstudies.org/>
- Institute of Andean Studies. (s. d.b). *In memoriam*. <https://instituteofandeanstudies.org/in-memoriam>
- Jacknis, I. (2002). The creation of anthropological archives: a California case study. In W. L. Merrill, & I. Godard (Eds.), *Anthropology, History, and American Indians: Essays in honor of William Curtis Sturtevant* (Smithsonian Contributions to Anthropology, n. 44, pp. 211-220). Smithsonian Institution Press. <https://doi.org/10.5479/si.00810223.44>
- Kroeber, A. L., & Valory, D. K. (1967). Ethnological manuscripts in the Robert H. Lowie Museum of Anthropology. *Kroeber Anthropological Society Papers*, (37), 1-22.
- Laraia, R. (1988). *A morte e as mortes de Curt Nimuendajú* (Série Antropologia, n. 64). Departamento de Antropologia/Instituto de Ciências Humanas/UnB. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:laraia-1988-curt>



- Lowie, L. C. (Ed.). (1965). *Letters from Edward Sapir to Robert H. Lowie*. L.C. Lowie.
- Lowie, R. H. (1941). A note on the Northern Gê tribes of Brazil. *American Anthropologist*, 43(2), 188-196. <https://doi.org/10.1525/aa.1941.43.2.02a00040>
- Lowie, R. H. (1945, 30 out.). *Carta a William Hohenthal Jr.* Arquivo da Bancroft Library, UC-23, box 72. University of California, Berkeley.
- Lowie, R. H. (1946a). The Cariri. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 1: The marginal tribes) (pp. 557-559). Smithsonian Institution. <http://www.etnolingustica.org/hsai:vol1p557-559>
- Lowie, R. H. (1946b). The Northwestern and Central Jê. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 1: The marginal tribes) (pp. 477-517). Smithsonian Institution.
- Lowie, R. H. (1948). The tropical forests: An introduction. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 3: The tropical forest tribes) (pp. 1-56). Smithsonian Institution.
- Lowie, R. H. (1949a). Property among the tropical forest and marginal tribes. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 5: The Comparative Ethnology of South American Indians) (pp. 351-367). Smithsonian Institution.
- Lowie, R. H. (1949b). Social and political organization of the tropical forest and marginal tribes. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 5: The Comparative Ethnology of South American Indians) (pp. 313-350). Smithsonian Institution.
- Lowie, R. H. (1959). Fieldwork in absentia. In Autor, *Robert H. Lowie, ethnologist. A personal record* (pp. 119-126). University of California Press.
- Lowie, R. H. (1960). *Lowie's selected papers in Anthropology* (Cora DuBois, ed.). University of California Press. <https://doi.org/10.1177/000271626133500180>
- Lowie, R. H. (1966). Scholars as people: dreams, idle dreams. *Current Anthropology*, 7(3), 378-382. <https://doi.org/10.1086/200744>
- Lyon, P. (1967). *Singing as social interaction among the Wachipaeri of Eastern Peru* [Doctoral thesis, University of California]. <https://www.proquest.com/openview/4d417643428fdead3f9101ad347b002f1?cbl=18750&diss=y&pq-origsite=gscholar>
- Lyon, P. (Ed.). (1974). *Native South Americans: ethnology of the least known continent, with tribal distribution map by John H. Rowe*. University of California. [Reimpresso por Waveland Press, 1985]. <https://archive.org/details/NativeSouthAmericansByPatricia/Lyon/page/n3/mode/2up?view=theater>
- Matos, P. F., Rosa, F. D., & Dullo, E. (2022). Caminhos para uma história inclusiva das antropologias do mundo. *Horizontes Antropológicos*, 28(62), 7-45. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000100001>
- Mendonça, J. M. B. (2009). O fotógrafo Curt Nimuendajú: apontamentos de antropologia visual no Brasil. *Revista Antropológicas*, 20(1-2), 121-152. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaantropologicas/article/view/23690>
- Mendonça, J. M. B. (2022). Povos nativos da Califórnia no Museu Antropológico Phoebe Hearst: apontamentos sobre imagens, arquivos e práticas museais. *Revista Mundaú*, (12), 19-48. <https://doi.org/10.28998/rm.2022.n.12.13333>
- Menta, C. (2021). Caminhos sinuosos até o Nordeste indígena: William Hohenthal Jr., antropólogo norte-americano na década de 1950. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 16(2), e20190142. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0142>
- Nimuendajú, C. (1914-1952). *Curt Nimuendajú papers, 1914-1952* [Manuscript collection]. University of California, Berkeley, Library. <https://search.library.berkeley.edu/discovery/fulldisplay?docid=alma991050535639706532>
- Nimuendajú, C., & Lowie, R. H. (1937). The dual organizations of the Ramko'kamekra (Canella) of Northern Brazil. *American Anthropologist*, 39(4), 565-582. <https://escholarship.org/uc/item/1gf9v20k>
- Nimuendajú, C. (1937). The Gamella Indians (R. H. Lowie, Trad.). *Primitive Man*, 10(3-4), 58-71. <https://doi.org/10.2307/3316456>
- Nimuendajú, C. (1938). The social structure of the Ramko'kamekra (Canella) (R. H. Lowie, Trad.). *American Anthropologist*, 40(1), 51-74. <https://doi.org/10.1525/aa.1938.40.1.02a00070>
- Nimuendajú, C., & Lowie, R. H. (1939). The associations of the Šerénte. *American Anthropologist*, 41(3), 408-415. <http://www.etnolingustica.org/biblio:nimuendaju-lowie-1939-associations>
- Nimuendajú, C. (1939). *The Apinayé* (Anthropological Series, Vol. 8). The Catholic University of America Press. <http://www.etnolingustica.org/biblio:nimuendaju-1939-apinaye>
- Nimuendajú, C. (1942). *The Šerente* (Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, Vol. 4). The Southwest Museum.
- Nimuendajú, C. (1944). Šerénte Tales (R. H. Lowie, Trad.). *The Journal of American Folklore*, 57(225), 181-187. <http://www.etnolingustica.org/biblio:nimuendaju-1944-serente>
- Nimuendajú, C. (1946a). *The Eastern Timbira* (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Vol. 41). University of California Press. <http://www.etnolingustica.org/biblio:nimuendaju-1946-timbira>



- Nimuendajú, C. (1946b). Social Organization and beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil (R. H. Lowie, Trad.). *Southwestern Journal of Anthropology*, 2(1), 93-115. <https://doi.org/10.1086/soutjanth.2.1.3628738>
- Nimuendajú, C. (1952a). *The Tükuna* (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Vol. 45). University of California Press. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-1952-tukuna>
- Nimuendajú, C. (1952b). The Tapajó (John Rowe, Trad. e Ed.). *Kroeber Anthropological Society Papers*, 6, 1-25. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-1952-tapajo>
- Nimuendajú, C. (1974). Farming among the eastern Timbira. In P. J. Lyon (Ed.), *Native South Americans: ethnology of the least known continent* (pp. 111-119). University of California.
- Oliveira, J. P. (2006). Curt Nimuendajú et la configuration de l'ethnologie au Brésil. In *Réseau européen ESSE, Actes du colloque "Rapports ambivalents entre sciences sociales européennes et américaines"*, Arcipelago Edizioni, Milan.
- Parezo, N. (1999). Preserving anthropology's heritage: CoPAR, anthropological records, and the archival community. *The American Archivist*, 62(2), 271-306. <https://doi.org/10.17723/aarc.62.2.j475270470145630>
- Petschellies, E. (2019). *As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da UNICAMP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP2019.1127230>
- Pinto, L. F. (2008, nov.). Relembrando Jovelina Nimuendajú. *Gramsci e o Brasil*. <https://www.gramsci.org/?page=visualizar&id=1002>
- Rowe, J. H. (1944). *An introduction to the Archaeology of Cuzco. Expeditions to Southern Peru, Report 2* (Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, Vol. 27, no. 2). Peabody Museum Press. <https://peabody.harvard.edu/publications/introduction-archaeology-cuzco>
- Rowe, J. H. (1946). Inca culture at the time of spanish conquest. In J. H. Steward (Org.), *Handbook of South American Indians* (Vol. 2, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143) (pp. 183-330). Smithsonian Institution.
- Rowe, J. H. (1947-1994). *John Howland Rowe papers, 1930-1994* [Manuscript collection]. University of California, Berkeley, Library. <https://search.library.berkeley.edu/discovery/fulldisplay?docid=alma991047832279706532>
- Rowe, J. H. (1950a). Review of: Revista do Museu Paulista. Nova série, vol.2, São Paulo (1948). *International Journal of American Linguistics*, 16(3), 150-151. <https://doi.org/10.1086/464081>
- Rowe, J. H. (1950b). Actividades americanistas del Departamento de Antropología de la Universidad de California (Berkeley) en 1950. B.B.A.A. *Boletín Bibliográfico de Antropología Americana*, 13(1), 99-103. <https://www.jstor.org/stable/40972939>
- Rowe, J. H. (1951a). Some recent publications: western South America, eastern South America. *American Antiquity*, 16(4), 376-378. <https://www.jstor.org/stable/276529>
- Rowe, J. H. (1951b). Review of: Handbook of South American Indians, vol. VI, edited by Julian H. Steward (1950). *Hispanic American Historical Review*, 31(3), 480-482.
- Rowe, J. H. (1951c, Abril 25). *Carta a Charles Wagley*. Arquivo da Bancroft Library, UC-23, box 72. University of California, Berkeley.
- Rowe, J. H. (1951d). Dr. William D. Hohenthal's researches in Brazil. *Boletín Bibliográfico de Antropología Americana*, 14(1), 46-48. <http://www.jstor.org/stable/41576127>
- Rowe, J. H. (1954). Linguistic classification problems in South America. In *Papers from the Symposium on American Indian Linguistics held at Berkeley, July 7, 1951* (Vol. 10, No. 1, pp. 13-26). University of California Publications in Linguistics.
- Rowe, J. H. (1955). Review of: Cultos afrobrasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social, by René Ribeiro (1952). *Western Folklore*, 14(4), 300. <https://doi.org/10.2307/1496828>
- Rowe, J. H. (1974a). Tupi-Guarani. In *Encyclopedia Americana* (pp. 237-238). [s.n.].
- Rowe, J. H. (1974b). Linguistic classification problems in South America. In P. Lyon (Ed.), *Native South Americans: ethnology of the least known continent* (pp. 43-50). University of California.
- Rowe, L. B., Rowe, A. P., Burger, R. L., Hammel, E. A., Menzel, D., . . . Protzen, J.-P. (2006). Personal tributes to John H. Rowe. *Nawpa Pacha*, 28(1), 219-239. <https://doi.org/10.1179/naw.2006.28.1.013>
- Schreiber, K. (2006). John Howland Rowe 1918-2004. *Nawpa Pacha*, 28(1), 195-201. <https://doi.org/10.1179/naw.2006.28.1.011>
- Schröder, P. (2011). Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha. *Revista Antropológicas*, 22(1), 141-160. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23740>
- Schröder, P. (2019). Nimuendajú e o Museu Etnológico de Berlim: história de uma coleção (quase) esquecida. *Bérose - Encyclopédie Internationale des Histoires de l'Anthropologie*. <https://www.berose.fr/article1647.html>
- Schröder, P. (2022). (Re)aproximando-se e afastando-se da Alemanha: Curt Nimuendajú como parte de redes transnacionais de antropólogos. *Horizontes Antropológicos*, 28(62), 211-255. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000100007>

- Tambascia, C. K. (2015). Para além das vidas de Nimuendajú: constituição de narrativas da história da antropologia. In S. Kofes, & D. Manica (Orgs.), *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia* (pp. 158-177). Lamparina & FAPERJ.
- Tambascia, C. K. (2020). "Não sei como hei de viver": os bastidores da etnografia de Curt Nimuendajú. *Bérose - Encyclopédie Internationale des Histoires de l'Anthropologie*. <https://www.berose.fr/article2033.html>
- Welper, E. M. (2002). *Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na [tradição] etnográfica brasileira* [Dissertação de mestrado, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <http://www.etnolinguistica.org/tese:welper-2002>
- Welper, E. M. (2016). Da vida heroica ao diário erótico: sobre as mortes de Curt Nimuendajú. *Revista Mana*, 22(2), 551-586. <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p551>
- Welper, E. M. (2018). "Segredos do Brasil": Curt Nimuendajú, Robert Lowie e os índios do nordeste. *Revista de Antropologia*, 61(3), 7-51. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152044>
- Welper, E. M. (Org.). (2019). *O chamado da selva: a correspondência entre Curt Nimuendajú e Herbert Baldus* (P. Welper, Trad.). Camera Books.
- Welper, E. M. (2020). Interwar anthropology from the global periphery: Curt Nimuendajú's correspondence with Robert Lowie and Claude Lévi-Strauss. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 10(2), 670-680. <https://doi.org/10.1086/710063>
- Zeitlyn, D. (2012). Anthropology in and of the Archives: possible futures and contingent pasts. Archives as anthropological surrogates. *Annual Review of Anthropology*, 41(1), 461-480. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145721>
- Zeitlyn, D. (2022). Archiving ethnography? The impossibility and the necessity: Damned if we do, damned if we don't. *Ateliers d'Anthropologie* [En ligne], 51, 1-13. <https://doi.org/10.4000/ateliers.16318>

DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

AVALIAÇÃO POR PARES

Avaliação duplo-cega, fechada.